

SEXUALIDADE, GÊNERO E CORPO NO CINEMA

Neemias Oliveira da SILVA
< neemias.oliveiradasilva@gmail.com >
<http://lattes.cnpq.br/4372403389629565>

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ

A revista *Temporis* [ação] tem o prazer de apresentar aos leitores o Dossiê *Sexualidade, Gênero e Corpo no Cinema*, o qual reuniu estudos sobre a produção, recepção, circulação e análise de imagens audiovisuais relacionadas ao estudo da sexualidade; a relação do ser humano com seu corpo; a teorização sobre os modos de produção dos corpos, das subjetividades e diferenças; a partir dos estudos sobre a teoria Queer e os estudos foucaultianos.

Os artigos selecionados trazem recortes e abordagens de fundamental importância para a reflexão sobre o tema, em especial sobre as relações de gênero a partir do cinema, do corpo experimental e cinemas do corpo, performances corporais, estéticas e sexualidades ligadas ao discurso fílmico.

Os estudos acerca da “Sexualidade, Gênero e Corpo no Cinema” tem aumentado no Brasil, como podemos verificar por meio da criação de grupos de pesquisas e dos inúmeros eventos dedicados ao tema. Com isto, este Dossiê se apresenta de forma oportuna ao reunir pesquisadores e estudiosos com diferentes perspectivas, temporalidades e espacialidades.

O primeiro artigo, de Liliane Pereira Braga, traz-nos a contribuição de se pensar sobre histórias locais em produções audiovisuais afrodiaspóricas com base nas discussões dos estudos pós-coloniais. No texto, a autora ressalta as produções de diretores oriundos do Brasil, Cuba e Haiti que insurgiram frente às produções euros-ocidentais. Em particular, ela propõe analisar o filme *O tempo dos Orixás*, da diretora Eliciana Nascimento, filmado e produzido no estado da Bahia, terra natal da mesma. O artigo, como a própria autora sublinha: “reflete sobre a representação de modos de ser e estar no mundo de realizadores(as)/diretores(as) negros(as) nessas produções em contraposição a representações que se deram ao longo de diferentes períodos históricos de culturas afrodiaspóricas, a partir de cinemas de grandes estúdios de indústrias cinematográficas europeias e norte-hemisféricas.” O texto ainda aborda a questão da racialização e da inferiorização da pessoa negra. As produções locais, muitas das vezes veiculadas por meio da internet, mostram-se como uma alternativa as grandes produções eurocêntricas, o

estudo em questão traz a contribuição de se pensar sobre estes circuitos globais e potencializadores.

Com relação às intersecções entre o cinema do corpo e o roteiro, situamos o artigo de Igor Capelatto e Ernesto G. Boccara: um texto que aborda a importância do roteiro e de sua construção para a produção e execução dos filmes. A partir do exposto, os autores questionam-se como o roteiro deve ser “transcodificado” em imagens e sons, sem perder a essência de quem o produziu, isto é, do ato de contar histórias, da criatividade do roteirista, da narrativa poética. Deste modo, o artigo trabalha com a linguagem do roteiro e como que este, ao transformar-se em “normas técnicas, com códigos de programas, como instruções técnicas para o diretor, o fotógrafo, os atores, etc” deve ser trabalhado e visto sem perder a essência literária da dramaturgia. O estudo em questão discute o papel do roteirista, seu ofício e a prática em contar histórias, estabelecendo limiares entre o literato e o profissional do audiovisual. Logo, os autores questionam: o roteirista é visto na periferia da produção literária? Outro ponto de destaque no artigo é a discussão sobre o que antecede o roteiro, isto é, a produção do manuscrito. Seria esta uma narrativa literária? Entre as discussões do corpo criador, o roteirista-escritor-literato, onde se encaixa o corpo reduzido do roteiro, o estrutural, o técnico, do audiovisual? Com base em suas pesquisas, os autores procuram repensar o roteirista, sua subjetividade, a narrativa poética e estrutural, do que antecede a produção fílmica, isto é, a transcrição dos códigos em imagem e som.

O texto a seguir, da Isabella Tymburibá Elian e da Niúra Ferreira e Barbosa, é um artigo que traz como contribuição o estudo sobre a transgeneralidades na infância por meio da análise de duas obras cinematográficas: *Tomboy* (2011) e *Ma vie en Rose* (1997) que, pautados sobre os estudos pós-estruturalistas, comparam as narrativas fílmicas com a realidade das escolas brasileiras, a análise centra-se nas identidades de gênero e nas normativas sociais. No estudo em questão, as autoras relatam o exemplo do personagem do filme *Tomboy*, Laure, que dá lugar a sua nova identidade Michel. Em *Ma Vie en Rose*, as autoras trabalham com a transexualidade de Ludovic, um menino que tem a certeza de ser uma menina. Segundo as observações deste estudo, no filme *Ma vie en Rose* percebe-se “as relações conflituosas entre a transexualidade, a religião, a sociedade, a escola, bem como as possíveis consequências do preconceito e do não-

reconhecimento da identidade trans.” As autoras ressaltam ainda sobre a importância de se analisar ambos os filmes, uma vez que os filmes podem ser exibidos para diferentes públicos, sendo utilizados como um importante meio para se discutir gênero e sexualidade no ambiente escolar. Com fundamento teórico e metodológico, elas dialogam com a bibliografia que prioriza questões relativas às identidades transgêneras e seus processos. *Tomboy*, na tradução brasileira, “Maria-homem” e *Ma vie en rose*, “Minha vida em cor-de-rosa”, já faz alusão ao binarismo homem-mulher e a crítica ao padrão heteronormativo. O estudo aborda “o preconceito e as atitudes discriminatórias e violentas que permanecem como forma de reorientação à normativa imposta.” No artigo, ainda são pontuadas questões e dificuldades do dia a dia relacionadas ao gênero e sexualidade presente nos espaços escolares, tais como: banheiros, uniformes, atividades físicas, brinquedos e brincadeiras que em sua grande maioria são binários (masculino e feminino). Esta pesquisa tem como contribuição “pensar na realidade das pessoas trans e a ajudar educadores, pais e estudantes a entender melhor o processo pelo qual passam aqueles que não se identificam com o seu gênero de nascimento, dando oportunidades a eles de efetivamente fazerem parte da sociedade, buscando seus direitos”.

O quarto artigo do dossiê traz o estudo de Nilton Pereira Fé que têm como objetivo analisar o período da Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939) e da ditadura de Francisco Franco (1939 – 1975) por meio da memória social espanhola presente nas produções cinematográficas. O estudo também se propõe a analisar: “as experiências traumáticas que o cinema traz em forma de imagens e quais as expectativas de futuro apresentadas por meio do conhecimento histórico envolvendo experiências vividas daquela época.” A abordagem mescla visões “que vêm reforçando o ‘Dever de Memória’ e as ‘Políticas de Esquecimento’ acerca das vítimas da Guerra Civil e do Franquismo na Espanha Contemporânea.” O autor, ao longo do texto, dialoga com a historiografia sobre o conceito de Memória e História. Neste jogo de relações entre História e Memória, o autor passa a dialogar também com a Arte. “Nessa direção, percebemos que, assim como a História e a Memória costuram o ‘tecido social’ na pretensão de dar sentido aos questionamentos da humanidade com o passar do tempo, a Arte também emite a sua versão do passado, por exemplo, por meio da música, da pintura, das esculturas, do teatro, do cinema.” Com isso, o estudo em questão faz referência às produções fílmicas na Espanha entre os anos de 1930 a 1995. Na ditadura do general Francisco Franco, que durou até a sua morte em 1975, muitos filmes

foram produzidos como propaganda política do regime. Após a década de 80 e com o fim da ditadura, muitos filmes foram produzidos com base nessas memórias da Guerra Civil. Neste termo, para o autor: “a memória coletiva passou a ser o ponto de intersecção entre História, Memória e Arte.” As vozes dos vencidos por vezes silenciadas pela “política do esquecimento” do regime de Franco podem ser ouvidas através do Cinema e das Artes.

O artigo de Joyce Ramos é um texto que traz uma reflexão sobre a relação da História com o Cinema e a Literatura, em particular, a análise do papel da mulher e suas transformações ao longo da História. As histórias sobre o Rei Arthur e sua corte são trabalhadas neste estudo pelos personagens femininos literários e como estes foram adaptados para o cinema e televisão ao longo do tempo (Séculos XX e XXI). A autora traz um estudo relevante e interessante quando evidencia o papel da mulher medieval. Ao ser adaptada para a linguagem do audiovisual, a mulher medieval é repensada dentro da sociedade atual. As mulheres das histórias do rei Arthur passam a ter autonomia, são guerreiras, sedutoras e femininas. Ainda é discutido no texto a participação das mulheres negras, renegadas na literatura, e que passaram a ocupar o espaço de protagonistas de seus próprios corpos e de suas histórias.

O último artigo, de Júnior Ratts, traz uma importante contribuição para se pensar a produção dos desenhos da Disney dentro do padrão heteronormativo frente aos discursos homoeróticos. Assim, mesmo com muitas mudanças realizadas pelos estúdios Disney, na atualidade, percebe-se ainda que se segue um padrão normativo de gênero, padrão este que pode ser revisto nas artes em geral, tais como: nas exposições fotográficas, instalações e montagens, sendo estes espaços de criação de “novas formas de se ver o corpo, bem como seus destinos físicos e subjetivos.” A pesquisa ainda traz uma discussão no âmbito pedagógico, uma vez que os desenhos produzem “discursos pedagogizantes (que se transformam em memória e consequentemente em hábitos) sobre os corpos e as subjetividades, possibilitando um direcionamento normativo aos telespectadores.” Dessa forma, a Disney em seus desenhos mostrou sempre o dualismo homem e mulher, dentro de um padrão heteronormativo, representado pelo final feliz e a estética física e moral dos personagens. Neste estudo, que contrapõe a heteronormatividade, traz a contribuição dentro das artes de se pensar o termo:

“felizes para sempre”, como a imagem do casamento eternamente feliz sendo o destino de homens e mulheres e apresenta “um novo lugar para o masculino gerado pelo homoerotismo.”

Agradecemos a todos os pesquisadores e pesquisadoras que contribuíram com este dossiê, bem como o esforço e o trabalho da equipe editorial. Desejamos a todos uma boa leitura!

